

LUGARES DE SEGREGAÇÃO: Uma Discussão Sobre As Cidades Contemporâneas A Partir Das Obras Cinematográficas “Cidade De Deus” E “Cidade Baixa”.

Emily Rebeca Silvestre Chacon¹

Profa. Dra. Maria Helena Braga e Vaz da Costa²

RESUMO

O presente trabalho é fruto do processo investigativo sobre as narrativas do espaço urbano e a linguagem fílmica, esse que visa analisar as metrópoles contemporâneas a partir da sua representação em longas-metragens. Tendo em vista o supracitado, esse texto tem como objetivo central expor e discutir, a partir da análise de filmes, a gênese e manutenção dos lugares de segregação presentes nas grandes urbes contemporâneas. Teremos como principais referenciais teóricos os autores Zygmunt Bauman (2009) e Raquel Rolnik (2012). Desse modo, este estudo tomará a análise fílmica de *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002) e *Cidade Baixa* (Sérgio Machado, 2005), ambos filmes brasileiros, como pilar representativo para a compreensão do espaço urbano, sobretudo brasileiro, e dos lugares de segregação nele contidos.

Palavras-chave: Análise fílmica, Cidades contemporâneas, Lugares de segregação.

ABSTRACT

This work is the result of an investigative process into the narratives of urban space and cinematic language, aiming to analyze contemporary metropolises through their representation in feature films. With this in mind, the central objective of this text is to expose and discuss, through film analysis, the genesis and maintenance of places of segregation present in contemporary large cities. The main theoretical references for this study will be the works of Zygmunt Bauman (2009) and Raquel Rolnik (2012). Thus, this study will use the film analysis of “City of God” (Fernando Meirelles and Kátia Lund, 2002) and “City of Men” (Sérgio Machado, 2005)—both Brazilian films—as representative pillars for understanding urban space, particularly in Brazil, and the places of segregation contained within it.

Keywords: Film Analysis, Contemporary Cities, Places of Segregation.

Introdução:

A geografia cultural é a área da geografia humana que busca compreender as transformações do homem, por meio da cultura, nas paisagens naturais. O geógrafo cultural é interessado em entender as habilidades culturais de comunidades e sua capacidade de transformação de elementos culturais através do tempo e do espaço em que estão assemelhando-se ao trabalho do sociólogo, que observa. Desse modo, o interesse em estudos de economias de subsistência foi se modificando com o tempo para o estudo das identidades baseadas no consumo. A partir disso, enxergamos na geografia cultural e na linguagem cinematográfica um grande ramo a ser explorado, observando os fenômenos das grandes metrópoles contemporâneas por meio da linguagem fílmica.

1 Licenciada em Teatro (2025) e graduanda em ciências biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Especializanda em ensino de teatro e técnica em informática (2021) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Especialista em Artes na Educação pela Facuminas (2025). Atuante nas áreas de pesquisa sobre a história e conservação do teatro no Rio Grande do Norte e nas narrativas dos espaços urbanos na linguagem fílmica. Possui interesse na área de pesquisa e conservação do bioma da caatinga e dos cetáceos da costa potiguar.

2 Professora Titular do Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Pós-doutorado em Cinema pelo International Institute - University of California at Los Angeles (UCLA) - USA; Doutorado e Mestrado em Estudos de Mídia pela University of Sussex - Inglaterra; Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq; Líder (2003-2020) e atualmente Vice-líder do Grupo de Pesquisa Linguagens da Cena: Imagem, Cultura e Representação; Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGE) da UFRN. Atualmente (2023) desenvolve pesquisa em nível de pós-doutorado na University of Sussex, Inglaterra. Atua como pesquisadora na área de Cinema no contexto dos seguintes temas: estudos sobre a imagem fílmica e o espaço; olhares imagéticos sobre a cidade, a arquitetura e o espaço urbano; cultura visual; culturas moderna e pós-moderna.

Desta forma, se configura como objetivo do trabalho examinar o que chamaremos de “lugares de segregação”, presentes nas cidades brasileiras do Rio de Janeiro e Salvador, através dos longas-metragens *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002) e *Cidade Baixa* (Sérgio Machado, 2005). Esses filmes obtiveram destaque por diversos motivos divergentes, e merecem uma análise mais delicada de uma questão tão latente e presente na sociedade brasileira, oriunda de uma desigualdade social sem precedentes.

Levando em consideração que os textos possuem múltiplas dimensões e possibilidades de interpretações diferentes e igualmente válidas, devemos reconhecer a geografia cultural como *heterotopia*. Assim, a simbologia da paisagem pode ser analisada por meio de diversas linguagens, incluindo o cinema, sempre levando em consideração que a representação provém de diversos grupos sociais.

Com as discussões sobre a geografia cultural, podemos dar um salto e entender os fenômenos que permeiam as cidades contemporâneas. Dentre essas transformações, observamos o que os estudiosos denominam de segregação espacial. A cidade cada vez mais vem sendo dividida, as zonas são demarcadas, seja em função das classes sociais ou por funções do espaço urbano.

Desse modo, tomamos por base bibliográfica “O que é cidade” de Rolnik (2012) e “Confiança e medo na cidade” de Bauman (2009) para discutirmos o que aqui chamaremos de “Lugares de segregação”. Após a assimilação desses, utilizamos os títulos *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002) e *Cidade Baixa* (Sérgio Machado, 2005) para analisarmos e iniciarmos nossas discussões sobre os lugares de segregação.

Dos lugares de segregação:

Cidade de Deus (Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002) é uma adaptação do romance homônimo de Paulo Lins, que chocou o mundo afora por sua violência explícita e visceral, sendo visto por “países de primeiro mundo” como uma realidade distópica. Mas considerando que o caro leitor é brasileiro, sabemos que o longa está espantosamente descrevendo a realidade, embora não seja um filme documental (ainda que inspirado em fatos reais) é um “filme urbano” uma vez que: “A cidade é uma representação ficcional com uma relação direta com o mundo real, isto é, o filme narra histórias de ficção locadas em cidades reais e reconhecidas” (Costa, 2009, p 48). A escolha de começarmos por esse é justamente por exemplificar de forma sublime a origem dos espaços de segregação, como veremos a seguir.

A princípio somos apresentados ao nosso protagonista, Buscapé (Alexandre Rodrigues) (imagem 1), que em *voz-off*, narra a história do “trio ternura”; que também é a história da Cidade de Deus, um conjunto habitacional criado pelo Estado, no Rio de Janeiro, em meados dos anos 60. Em uma de suas falas, ao começo do filme, já podemos ter o vislumbre quase que completo de como nascem os lugares de segregação:

A gente chegou na cidade Deus com esperança de encontrar o paraíso. Um monte de famílias tinham ficado sem casa por causa das enchentes e de alguns incêndios criminosos em algumas favelas. A rapaziada do governo não brincava. ‘Não tem onde morar?’ manda pra cidade Deus. Lá não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha ônibus, mas pro governo dos ricos não importava o nosso problema. Como eu disse, a cidade Deus fica muito longe do cartão postal do Rio de Janeiro. (Cidade de Deus, 2002)

Fonte: *Frame* do filme Cidade de Deus (2002



É de nosso conhecimento que as cidades, em determinado momento da história, passaram a se reorganizar em virtude do capital, ou seja, do mercado. Tal movimento provocou grandes movimentações, não só na estrutura urbana, como na rural, atraindo, aos montes, pessoas para as cidades. Para Bauman (2009):

A segregação das novas elites globais; seu afastamento dos compromissos que tinham com o *populus* do local no passado; a distância crescente entre os espaços onde vivem os separatistas e o espaço onde habitam os que foram deixados para trás; estas são provavelmente as mais significativas das tendências sociais, culturais e políticas associadas à passagem da fase sólida para a fase líquida da modernidade (Bauman, 2009. p. 28)

Tal marco também demarca a fase no qual as cidades se encontram “inchadas”, a mão de obra dos “estrangeiros” como Bauman retrata, que aqui são equivalentes a essas pessoas que vieram do campo e as que pertencem às classes trabalhadoras, já não é mais bem vinda.

A modernidade produziu ‘gente supérflua’ – no sentido de que é inútil, de que suas capacidades produtivas não podem ser exploradas de maneira profícua. Para falar de forma mais brutal, sem meios termos, para as ‘pessoas de bem’, seria melhor que essas outras pessoas desaparecessem de vez (Bauman, 2009. p. 80)

Tomemos nota de que a “gente supérflua” a qual Bauman se refere, são as classes trabalhadoras menos abastadas, que se tornou excedente, e as ditas “pessoas de bem” são a elite detentora dos meios de produção. Conforme Buscapé (Alexandre Rodrigues) retrata no longa “*Lá não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha ônibus, mas pro governo dos ricos não importava o nosso problema. Como eu disse, a cidade Deus fica muito longe do cartão postal do Rio de Janeiro*”, a “gente supérflua” é “empurrada” para as margens da cidade, distante dos olhares dessa elite. Era de se esperar que o Estado tomasse nota dessas questões, e tomasse a frente do bem estar coletivo, no entanto, a máquina pública não só é conivente, como também é

ferramenta fundamental para a manutenção dessa política:

As imensas periferias sem água, luz ou esgoto são evidências claras desta política discriminatória por poder público, um dos fortes elementos produtores da segregação (Rolnik, 2012, p. 47).

Outro traço que podemos visualizar ao longo do filme é a questão racial e da violência, presente em praticamente toda a obra. Não distante da herança escravocrata de quase 400 anos do Brasil, a maior parte das pessoas que pertencem a esses lugares são pessoas negras, onde a “polícia chama de marginal e o povo em geral de má vizinhança, que desvaloriza o bairro” (Rolnik, 2012, p.74), apenas reforçando a lógica de ocupação capitalista da terra e à micropolítica familiar burguesa (branca). Entrando em contradição com seu próprio sistema, as favelas e cortiços, áreas que o mesmo propaga, são terríveis e devem ser eliminados, tal qual as pessoas que ali vivem.

A diante temos *Cidade Baixa* (Sérgio Machado, 2005), um filme sobre um triângulo amoroso protagonizado por Deco (Lázaro Ramos), Naldinho (Wagner Moura) e Karinna (Alice Braga). Arrisco-me dizer que a parte menos interessante desse longa seja o enredo do romance, *Cidade Baixa* (Sérgio Machado, 2005) nos proporciona enxergar a vida dos que são moradores das áreas de segregação da cidade, compartilhando suas felicidades, dificuldades e angústias.

A obra cinematográfica se inicia com o vislumbre de dois amigos que compartilham de um barco para trabalhar realizando fretes, que estão em uma cidadezinha, a caminho de Salvador, até que Karinna (Alice Braga) pede carona até a cidade.

É possível observar ao chegarem ao destino, que todos são trabalhadores e sobrevivem da sua própria força de trabalho, não possuem lugar certo para viver e tentam sobreviver no subúrbio de Salvador. Karinna (Alice Braga) por sua vez, jovem e sem perspectivas, vai ao encontro de um bordel para ser garota de programa, e os dois amigos Deco (Lázaro Ramos) e Naldinho (Wagner Moura) tentam, a todo custo, conseguir um novo serviço, sem sucesso. As ruas e a boemia são o que os resta. Aqui estamos a prova do nosso espaço de segregação, o que pode parecer contraditório, pois a rua como ambiente público deveria ser berço para efervescência da vida pública e democrática, no entanto como nos explicita Bauman:

Os espaços públicos são locais em que atração e rejeição se desafiam (suas proporções são variáveis, sujeitas a mudanças rápidas, incessantes). Trata-se, portanto de locais vulneráveis (Bauman, 2009. p. 80)

E nas cidades modernas, cada vez mais o fenômeno de isolamento desses locais crescem, para burguesia a rua deixa de ser seu espaço público para que de dentro dos muros de seus grandes condomínios, os salões e salas de visitas se tornem esses espaços, assim como Rolnik nos mostra:

Do ponto de vista do modelo burguês de morar que se esboça com estas mudanças, ‘casa’ e ‘rua’ são dois termos em oposição: a rua é a terra de ninguém perigosa que mistura classes, sexos, idades, funções, posições na hierarquia; a casa é território íntimo e exclusivo (Rolnik, 2012, p. 55).

Os três personagens seriam o que Bauman caracteriza por *underclass* (subclasse), pessoas que estão fora do sistema de classe, não possuem poder aquisitivo algum, precisam de subsídio e não dão lucro. Eles estão presentes apenas para lembrar e fazer esse mecanismo se manter, lembrando ao cidadão comum, na visão da burguesia, que é melhor manter-se onde está do que “cair”. Eles são, portanto, a ilustração perfeita das pessoas que vivem e estão fadadas a se manter nos espaços de segregação.

Conclusões:

A partir dessa pesquisa foi possível observar e compreender os objetivos da geografia cultural, reconhecendo seu papel crucial em nos auxiliar a entender a modificação do homem na paisagem natural por meio da cultura para produção das paisagens culturais e entendê-las como texto. A partir disso captamos a simbologia que essas possuem e suas múltiplas possibilidades de interpretação por meio de diversas linguagens, sendo a escolhida para este texto a linguagem fílmica. Isso pois essa nos possibilita infinitas possibilidades de compreensão dos fenômenos das urbes contemporâneas.

Entendemos que os filmes são capazes de reforçar visões coletivas e/ou estereotipadas de espaços, cada filme enfatiza um olhar sobre o espaço, por isso sempre devemos levar em consideração o olhar do diretor cinematográfico e o intuito do mesmo. A escolha dos filmes *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002) e *Cidade Baixa* (Sérgio Machado, 2005) foi de suma importância para compreendermos os fenômenos das grandes urbes brasileiras como o Rio de Janeiro e Salvador. Com base na análise desses filmes foi possível aprofundar a compreensão dos “lugares de segregação” nessas cidades brasileiras e a forma como esses espaços refletem as desigualdades estruturais da sociedade. “Cidade de Deus” destaca a origem das áreas marginalizadas e como elas são moldadas pela política e pela economia, evidenciando a distância cruel entre a realidade dos moradores e a imagem idealizada das cidades. O filme mostra que a segregação não é um mero acidente, mas um produto deliberado das políticas públicas e das dinâmicas de poder.

Por sua vez, “Cidade Baixa” oferece uma visão mais cotidiana da vida nos espaços segregados, destacando a luta pela sobrevivência e a falta de oportunidades para aqueles que habitam essas áreas. A vida dos protagonistas, marcada pela precariedade e pela exclusão, reforça a ideia de que as ruas e os espaços públicos se tornam áreas de marginalização e desigualdade, especialmente quando observados através da perspectiva das classes mais baixas.

Por meio dessas obras, podemos perceber que a segregação é uma construção social complexa, enraizada em práticas econômicas e políticas, também públicas, e que sua compreensão demanda uma análise atenta das imagens culturais que nos cercam. Portanto, ao integrar a geografia cultural e a linguagem cinematográfica, somos convidados a refletir sobre as disparidades urbanas e sociais e a reconhecer a importância de uma abordagem crítica para entender e, eventualmente, superar essas desigualdades. Desse modo, é de suma importância que as pesquisas que investigam as paisagens urbanas dentro da linguagem cinematográfica tenham continuidade, tendo em vista que são uma fonte inesgotável e democrática de acesso ao conhecimento e a compreensão do momento em que nossas urbes vivem. É crucial continuar explorando essas dimensões para fomentar uma sociedade mais justa e equitativa.

Referências:

- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2009.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins

Fontes, 1999.

GOMES, da Costa Gomes. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. 296 p.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

Filmografia:

CIDADE BAIXA; Direção: Sérgio Machado, Brasil, 2005.

CIDADE DE DEUS; Direção: Fernando Meirelles e Katia Lund, Brasil, 2002.